

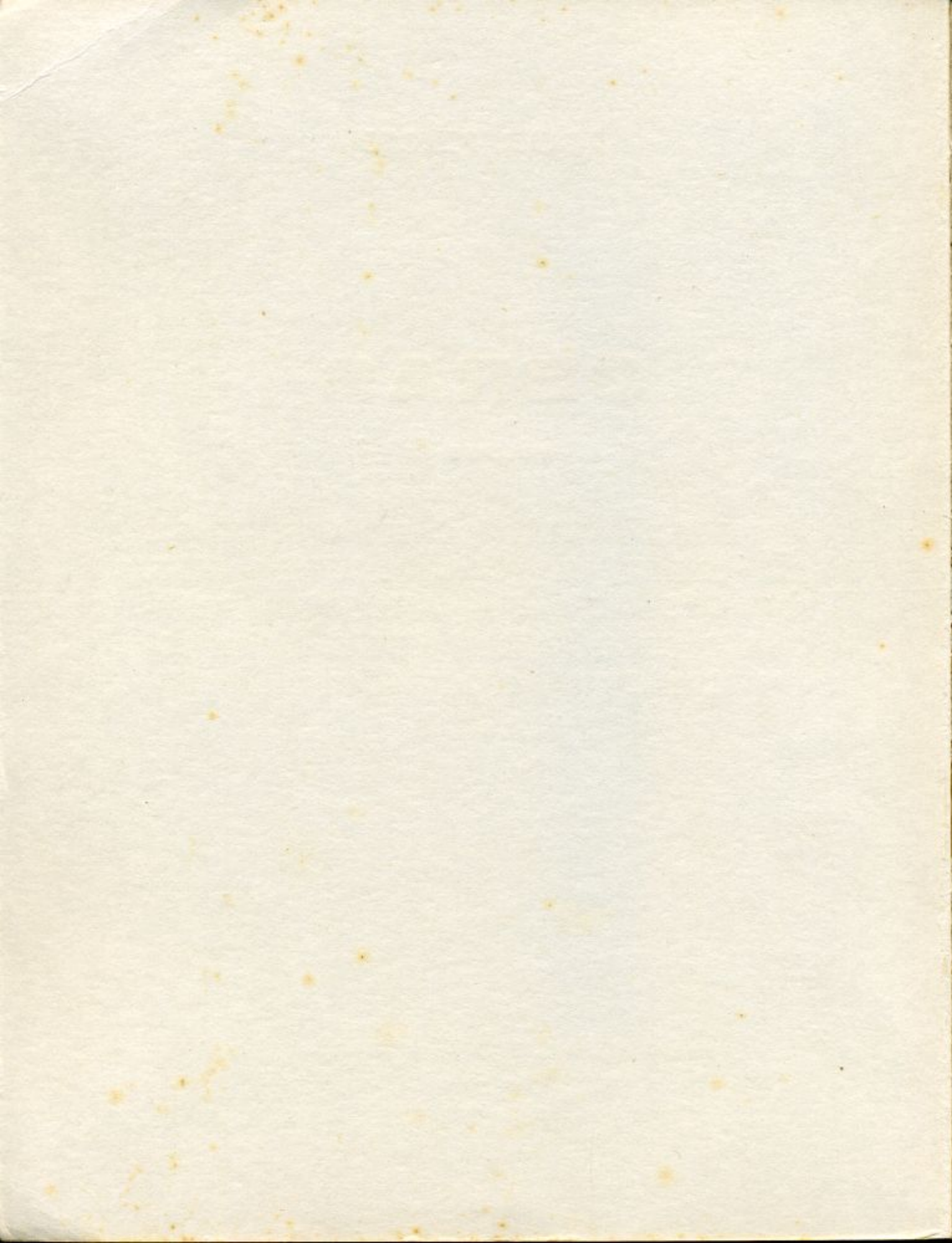
ROCHA PEIXOTO

# **OBRAS**

VOLUME III

PRIMEIRAS INTERVENÇÕES NA IMPRENSA.  
CATÁLOGOS, RELATÓRIOS E TEXTOS AFINS.  
ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA. NOTÍ-  
CIAS E COMENTÁRIOS. NOTAS BIO-BIBLIO-  
GRÁFICAS. CRÍTICAS E RECENSÕES. POLÉMICAS.

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM  
1975





Organização, prefácio e notas de  
FLÁVIO GONÇALVES

PRIMEIRAS INTERVENÇÕES  
NA IMPRENSA

Todas as notas precedidas de um ou mais asteriscos são da autoria  
do organizador deste volume.



## O SR. AFONSO DOS SANTOS SOARES E O JESUITISMO (\*)

Sentado à mesa, tendo à minha frente um frango guisado com ervilhas, e pondo em acção os pterigoideos e os masséteres, trouxe-me um jornal da Póvoa e me mostraram um escrito com o título — os *Jesuítas* —. Acabei de jantar e li. No decurso da leitura ia reparando que o tal *artigo* estava escrito em linguagem babosa de sacristão tihoso, numa linguagem plena de choradeiras piegas, em que tresandava o cheiro do simonte em junção com o mucos. Imaginei mesmo o autor com um soberbo nariz de cavalete e umas cangalhas circundadas de um metal que foi amarelo, e na ocasião contaminado pelo verdete; supus uns olhos hipócritas encovados, devido à leitura de alguns infólios sebentos, tendo no frontispício o nome de alguns dos colegas de Inácio de Loyola, Láinez, Francisco Borgia, Mercurian, Acquaviva, Vitelleschi, Goswino, Michel, Tamburini, Retz, Brzozowski, Rootaan e outros. Oh! depois pensei doutra forma. Considerei-o primeiro um miriápode com fumaças de meter os pés (as mãos seria duvidoso) em tudo o que não conhecia; depois de um helminto tratando da sua fecundação no abdómen de algum reverendo; depois um cefalópode, depois um acéfalo; depois, oh! depois é que eu fiz uma hipótese elevada: comparei-o a um acalefo, pretendendo espicaçar. Ai! Senhor, muitas hipóteses formei, tantas, tantas que ninguém imagina.

•

Do artigo deprenhi que o autor nunca teve conhecimentos de

---

(\*) Artigo publicado no jornal *A Independência*, da Póvoa de Varzim, em 18 de Outubro de 1883 (p. 3). O artigo está assinado *Augusto César*, então o nome literário do jovem Rocha Peixoto (estudante de dezassete anos), cujo nome completo era António Augusto César Octaviano da Rocha Peixoto.

Este texto polémico de Rocha Peixoto foi-lhe suscitado por um artigo saído pouco antes em dois números de um jornal conservador da Póvoa de Varzim — artigo da autoria de outro moço estudante, futuro sacerdote, e poveiro como Rocha Peixoto [*Vide*: Afonso dos Santos Soares — «Os Jesuítas», in jornal *Estrela Povoense*, da Póvoa de Varzim, de 9 e 16 de Setembro de 1883].



## ROCHA PEIXOTO

história, apesar de tantas vezes falar nela e não citar facto algum, e que nunca pôde argumentar com alguém sobre factos tão transcendentos; e que é provavelmente algum menino de coro, que pilhou meia dúzia de sandices, quando encostado a algum altar carunchoso estava com os olhos fitos, ora na garrafa do vinho, ora no rosto hipócrita e rubincudo de algum D. João de batina.

O autor escreveu sem conhecimento de causa, pois em dois jornais, onde estampou aquelas frases lamurientas de espírito idiota (por ex. — A calunia, oh! a calúnia) — nada diz que tenha suco. Diz que eles — os *Jesuítas* — são «homens piedosos, enérgicos e sábios, aguerridos defensores da sociedade e da Igreja, etc. etc. etc.». — Mas não o prova. Mostre factos, cite, prove, compulse a história. E fala em história! Estou quase a duvidar se o autor sabe o que quer dizer história, apesar do descaramento com que fala dela. Ora eu sei o que o autor quer dizer e por que o diz. Eles satisfazem-lhe os vícios e as baboseiras, o autor convive com eles, e, — quem sabe? — talvez os tenha em casa. Faz bem. Eles dão-lhe papa e ele lambe-lhes os... beiços.

•

Cita o autor um trecho de João Le Page. Saberá quem era Le Page? Por que foi escolher a autoridade de um homem tão pouco conhecido? Fugiu à autoridade dos historiadores imparciais e de nome.

Não sabe que Le Page assim como Féval, Balzac e muitos outros foram comprados por essa horda de celerados que à sombra de Cristo praticavam as cenas mais escandalosas e repugnantes que imaginar-se possam, levando ao mesmo tempo a muitas casas a ruína, quando não era a desonra?

Por que não provou o que disse o inepto Le Page? Prove, demonstre e depois rabisque. Quando cita o tal *trecho*, diz: — ... vamos aqui transcrever um testemunho de entre milhares... — Milhares! Ora conte pelos dedos.

•

Diz que a imprensa forja as mais vis calúnias e corrompe a história. Ora essa! Persuade-se que a história são as galhetas do vinho e da água susceptíveis de passar por mudanças, como as que os meninos do coro fazem antes de começar a missa; persuade-se que a história



está sujeita a ser todos os dias *notavelmente refundida e recomposta*, e que com algumas moedas de cobre poderia ser alterada? Qual é a razão por que diz no princípio do seu artigo que a história está adulterada pela imprensa? E logo depois diz: — Abram-se as páginas imorredouras da história... — Então a história está adulterada e as suas páginas são imorredouras? E esta! Tem em casa algum livro de contos de fadas e lobisomens? Já leu a — *Princesa Magalona*? — Diz e desdiz.

Talvez saiba — a história do *era não era*.

Vou dar-lhe uma lição de história sobre os *Jesuítas*. Note, porém, que eles é que falam:

«Quem nos pode assegurar que os jesuítas à semelhança dos Templários, não foram vítimas? As suas doutrinas tinham sido condenadas pelos papas e pelos reis; mas não foi um papa quem condenou Galileu? Não foi um papa quem condenou Fenelon e Bossuet?»

*G. Dairnoell. Cod. dos jesuit. p. 6.*

«Os filhos cristãos e católicos podem acusar seus pais do crime de heresia, posto que saibam que eles serão por este facto queimados... e não somente lhes poderão negar o sustento, se eles os tentarem desviar da fé católica, mas até os poderão matar sem pecarem se eles os quiserem obrigar com violência a abandonar a fé».

*O jesuíta Estevão Fagundes — Trad. dos mand. da Igreja. t. 1.º, livro 1.º*

Que santas doutrinas, não acha? Não mate seu pai!

«É permitido a um filho matar seu pai quando este for proscrito? Um grande número de autores sustentam que pode; e se o pai for nocivo à sociedade sou do parecer desses autores».

*O jesuíta De Castilla — Justiça direito, liv. 2.º, pág. 551.*

É permitido a um marido o matar a sua mulher encontrando-a em adultério, e a um pai sua filha pela mesma causa? — Respondo: 1.º, que o marido peca mortalmente matando sua mulher quando a encontre em flagrante delicto, sem que preceda sentença de juiz; — 2.º, depois de dada a sentença o marido pode matar sua mulher sem pecar, porque então é apenas o executor voluntário da sentença, e pode dar-lhe morte se for da sua vontade».

*O jesuíta V. Fillicius — Quest. mortes, tom. 11, cap. 7.*

Quando casa? Já namora? Oxalá sua mulher o faça... muito feliz.



## ROCHA PEIXOTO

«Regularmente pode matar-se um homem pelo valor de um escudo».

*O jesuíta Escobar.*

Ui!... Com uns fígados como os do autor que será da humanidade!...

«É permitido matar o homem que vos roube seis ou sete escudos, ainda mesmo que não seja encontrado em flagrante».

*O jesuíta Molina.*

Presentemente não. O tal artigo era o suficiente para o autor já não existir, apesar de não valer os seis escudos.

«Um filho pode apetecer a morte de seu pai para gozar a sua herança? Uma mãe pode desejar a morte da sua filha para não ser obrigada a sustentá-la e a dotá-la? Um padre pode ter desejos que morra o seu bispo com a esperança de o substituir? — Se apenas desejais estes acontecimentos ou mesmo se vos regozijais com eles, isso é-vos permitido sem pecado, porque não vos regozijais com o mal de outrém, mas sim com o vosso bem».

*O jesuíta Th. Tamburini — Meth. de confissão, pág. 20.*

«Aquele que mantém relações criminosas com uma mulher casada, não porque ela seja casada, mas porque é bela, fazendo assim abstracção das circunstâncias do estado, estas relações segundo muitos autores não constituem pecado de adultério, mas de simples impureza».

*O jesuíta Moullet.*

Pois está claro. O menino também é da mesma opinião, não é?

«*Clericus rem habens cum faemina, in vase pracpostero non incurrit poenas bullas Pio V* — Se não fizer frequente uso deste pecado».

*Escobar e Mendonça — Da independência, tom. 1.º, pág. 143.*

«*Clericus vitium bestialitatis perpetrans non incurrit bullae poenas.* — Contanto que não cometa este pecado por hábito».

*O jesuíta Escobar — Idem, idem, pág. 213.*

«*Clericus sodomitice patiens non incidit in poenas bullae.* — Se o não fizer senão duas ou três vezes».

*O jesuíta Escobar — Idem, idem, pág. 144.*



«Um religioso despindo o seu hábito não incorre na excomunhão, quando o mesmo o faça por motivo vergonhoso, como por exemplo, para pecar contra a castidade, para roubar alguma coisa ou para entrar sem ser conhecido em lugar de devassidão».

*O jesuíta Escobar.*

Esta lei parece admissível. Quando, depois de jantar, um obeso jesuíta entra na cela com as faces afogueadas e mostrando nos olhos uma voluptuosidade incrível, não é muito que se ponha nu. E entrando numa casa de toleradas!... Ai! autor, a concupiscência, a concupiscência... E é muito entendido que eles entrassem nestas casas.

«Se um clérigo, posto que conhecedor do perigo que corre, entrar em casa duma mulher com quem tenha relações amorosas, e for surpreendido em adultério pelo marido e matar o marido para defender a sua vida e os seus membros, este clérigo não está irregular e pode continuar as mais funções eclesiásticas».

*O jesuíta Henriques — Th. Moral.*

Que tal? hein?

«As mulheres não pecam mortalmente quando usam de enfeites supérfluos, quando trajam vestidos tão ténues que lhes deixem ver o seio se essa for a moda no país e não com má intenção».

*O jesuíta Simon de Lessau.*

«É permitido matar um inocente, roubar ou pecar contra a castidade? Sim, em consequência de uma determinação de Deus; porque Deus é o senhor da vida ou da morte, e executar assim a sua vontade é um dever».

*O jesuíta Pierre d'Aragon — Abr. de la Th. de Saint Thomaz d'Aquin, pág. 224.*

«Deus somente proíbe o roubo quando ele é olhado como mau, e não quando é considerado como bom».

*O jesuíta Carnedi. — Jug. théologiques, l.1.º, pág. 278.*

«Se os pais recusarem dar a seus filhos dinheiro, eles podem tirar-lho».

*O jesuíta Louguet. — Questions, IV, pág. 2.*



## ROCHA PEIXOTO

«Não se está embriagado quando se distingue um homem de um carro de ferro».

*Busembaum.*

Bravíssimo!!!!...

«É permitido tanto em matéria de pouca monta como em matéria grave prestar um juramento sem ter intenção de o cumprir, se houver boas razões para o fazer».

*O jesuíta Cardenas — Crisis, th.*

Pode-se jurar que se não fez uma coisa posto que efectivamente se tenha feito, subentendendo-se que a fez certo dia, antes de nascer ou em qualquer outra circunstância, sem que pelas palavras empregadas se possa suspeitar a intenção; isto é cómodo em muitas ocasiões e sempre justo quando for necessário ou útil à idade, honra ou bens».

*O jesuíta Sanches = Op. Moralis.*

«Quando alguém receber dinheiro para praticar uma acção má é obrigado a restituí-lo? — Distingo: se se não tiver praticado a acção, deve-se restituir o dinheiro; porém se se tiver praticado, então não, porque ele é a paga».

*O jesuíta Molina, l. 3.º, pág. 136.*

Bastará. À vista destes excertos deve concordar que os jesuítas são virtuosos, defensores da fé e da sociedade, e outras banalidades que queira dizer.

Por que não faz o autor um reportório com o respectivo juízo do ano? Ai que um juízo do ano feito pelo autor devia ser de matar! Olhe, faça um à imitação do *Borda d'Água*.

Diz no seu artigo: — Chamam-lhe inimigos da luz e amigos das trevas. Dizem que eles querem a desmoralização dos povos, e que as suas doutrinas são falsas. Mentira!

Então por que não prova *o que avançou?*

Que dirá àqueles trechos que citei? São boas as doutrinas que espalhavam *os que se consagravam à propagação da fé, à educação da mocidade, às catequeses, os que faziam voto de pobreza, de obediência e*



de *castidade*? Que tal acha, o que alguns escreveram sobre a castidade? Outra vida.

Diz o autor assim: — Porém baldados esforços! As armas que os inimigos da Companhia lançam contra ela, são-lhe inofensivas... etc. — Coitado!... Não sabe o que se deu ainda em nossos dias em França a 30 de Junho de 1880! Não sabe mesmo o que se passou em Portugal em 1759!

Ainda não leu a História de Portugal? Não sabe que no reinado de D. João III o *Fanático* (chamar-lhe-íamos o *idiota*) o tal que introduziu essa terrível seita, essa reunião de vampiros e sanguessugas, é que começou a nossa decadência? E diz que os jesuítas são amigos da luz! Nem sequer conhece a infame *comissão expurgatória*!

Lembre-se, *inspirado* autor de *Um caso romântico*, que os jesuítas se destroem a si mesmo. Diz mais: — ... próprios adversários da Igreja, e verão as suas abalizadas opiniões a respeito da benquista Companhia de Jesus. — Oh! céus, oh! numes. Aconselho-o a que visite o hospital de alienados, sito à Cruz das Regateiras, nesta cidade, que talvez lá encontre quem advogue as suas ideias.

O autor escreveu um período não sem falta de cabimento; foi aquele — *Ora pasmem*. — É de pasmar, lá isso é.

Aconselho ao autor que estude o seguinte, se quiser dizer alguma coisa:

Procure saber quem eram Júlio II e Leão X, talvez os papas mais dissolutos que têm existido; o que era a escandalosa venda das *indulgências*; quem era Lutero e a... (\*) que se afixou em Wittenberg; sobre que tratava a obra — *A Liberdade Cristã* — e por quem foi feita; o que se fez em Espira em 1529; quem era Zwinglio e que dizia o livro intitulado *A Religião Evangélica*; quem era Carlos V, o tal que fundou uma inquisição nos Países-Baixos (sabe onde ficam?) condenando à morte quarenta mil protestantes; quem foi Francisco I; quem era Inácio de Loyolla, o tal que se cognominava o *cavaleiro de Deus e da Virgem*;

(\*) A palavra que aqui devia estar falta no texto que Rocha Peixoto publicou em 1883 no jornal poveiro *A Independência*.



## ROCHA PEIXOTO

quem foi Simão Rodrigues, o primeiro que em Portugal (Coimbra) fundou o primeiro antro ou caverna; o que Francisco Xavier, o *Apóstolo das Índias*, encontrou na Índia e que faziam os frades que lá estavam; quem foram esses miseráveis que para aqui vieram — *Ladesma, Aspilcueta, Nicolau, Gruckio, Jorge Buchanan* e outros de que me não recordo etc. etc. e etc. (\*).

Porto, 21 de Setembro de 1883.

---

(\*) O estudo que, sobre os jesuitas, Afonso dos Santos Soares publicou no jornal *Estrela Povoense*, não se reduziu aos dois textos aparecidos em 9 e 16 de Setembro de 1883, logo criticados por este artigo de *Augusto César* [Rocha Peixoto]; estendeu-se esse estudo por oito números do mesmo jornal, sem nunca chegar a ser concluído, nem jamais nele se aludir ao comentário aceroso de Rocha Peixoto [Vide: Afonso dos Santos Soares — «Os Jesuitas», in *Estrela Povoense*, da Póvoa de Varzim, de 9 de Setembro (p. 1), 16 de Setembro (pp. 1-2), 14 de Outubro (pp. 1-2), 28 de Outubro (p. 2), 4 de Novembro (p.2), 18 de Novembro (p. 2), 9 de Dezembro (pp.1-2) e 30 de Dezembro de 1883 (p.2)]. Só no número de 28 de Outubro da *Estrela Povoense* se inseriu uma carta, não assinada, dirigida a Afonso dos Santos Soares, na qual um pretenso amigo lhe perguntava se havia lido o artigo de *Augusto César* [Rocha Peixoto] impresso n'A *Independência*, e lhe dava um resumo dele. Acompanha a referida carta uma resposta do próprio Afonso dos Santos Soares, que diz que, por desconhecer tal escrito, o fora ler; acusa então o jornal *A Independência*, órgão do partido republicano na Póvoa de Varzim, de ser inimigo da fé católica, e declara lançar ao desprezo o arrazoado de *Augusto César* [Vide: — Desprezo!! Só desprezo!!], in *Estrela Povoense* de 28 de Outubro de 1883 (p. 2)]. Em Fevereiro de 1884, porém, Afonso dos Santos Soares, que também se assinava Osnoffa de Castro, iniciou na *Estrela Povoense* uma longa réplica ao ataque publicado por *Augusto César* [Rocha Peixoto] n'A *Independência* de 18 de Outubro de 1883 [Vide: Afonso dos Santos Soares — «Secção crítica. Uma questão atrasada. Resposta a um extenso artigo do snr. Augusto César, inserto no papel democrático que se publica nesta vila com o título *Independência*», in *Estrela Povoense* de 24 de Fevereiro (p. 2), 2 de Março (p. 2), 9 de Março (p. 2), 16 de Março (pp. 1-2), 23 de Março (pp. 1-2) e 30 de Março de 1884 (p. 2)]. Rocha Peixoto não retorquiu... Mas em Abril de 1884, no *Estrela Povoense*, saiu outro artigo, subscrito por *Ateneu*, de opposição à doutrina expendida n'A *Independência* por *Augusto César* [Rocha Peixoto] [Vide: *Ateneu* — «Comunicado. Duas palavras ao snr. Augusto César com referência a um seu artigo, já há muito publicado no semanário *A Independência*, tendo por epígrafe, se bem me lembro, o snr. Afonso dos Santos Soares e o jesuitismo», in *Estrela Povoense* de 27 de Abril de 1884 (p. 3)]. Rocha Peixoto respondeu imediatamente a *Ateneu*, através do artigo que a seguir se transcreve neste vol. III das suas *OBRAS*.



## COMUNICADOS

### AO «ATENEU» (\*)

«E toda a gente se admirou do bruto»

*Ateneu*

Descendo da minha dignidade, vou dar-te a honra de responder ao teu comunicado.

Não te conheço, mas basta-me a profusão dos gregotins de que a tua escrevedura está repleta para bem avaliar os teus conhecimentos de História Universal e de Gramática Portuguesa. Quando a 21 de Setembro de 1883 respondia a dois artigos sobre os jesuítas, assinados pelo senhor Afonso dos Santos Soares, hoje Osnoffa de Castro, persuadia-me que, apesar da numerosa quantidade de disparates, pachonchetas e asnidades que enxameavam os ditos artigos, combateria com um indivíduo a quem, pelo menos, restava algum, ainda que pouco, consenso. Ria-me, francamente, de tanto fanatismo, mas nunca me passara pela mente que o dito senhor fosse tão estulto, zote e ignaro como depois o demonstrou. No entanto, o tal Osnoffa continuava os seus artigos sobre o mesmo assunto, isto é, defendia os jesuítas, e terminava no número VIII, julgo eu. Passou-se tempo, meses, e ao fim de alguns eu via uma resposta ao meu escrito, na qual esse tal senhor Osnoffa pretendia refutar algumas citações por mim expostas; e eu que me prezo de não ser tão cobarde como o mesmo senhor (classificação que a seu tempo provarei), comecei a resposta à tal crítica, resposta que não tardará a entrar no prelo. Agora, porém, querendo tu desviar-me

---

(\*) Artigo publicado sob o nome de *Augusto César* [Rocha Peixoto] no jornal *A Independência*, da Póvoa de Varzim, em 3 de Maio de 1884 (p. 3).

Como se esclarece na nota da página anterior deste volume III das *OBRAS*, o presente texto de Rocha Peixoto constitui uma resposta ao artigo de *Ateneu* saído no jornal *Estrela Povoense*, da Póvoa de Varzim, de 27 de Abril de 1884.



do mesmo senhor, que é suficientemente pateta — louvado Deus! — atacas-me com frases de escrevinhador pandilha e de articulista bandalho, desafiando-me para encetarmos uma polémica sobre os jesuítas e dizendo-me que deixe em paz o gárrulo parvajola, o pacóvio taimado, o frangalhote latrineiro e sáfaro, persuadindo-te, talvez, que eu não responderia ao enxovedo, e ele sairia assim vitorioso da polémica.

Como te enganaste, simplório imbele, parvo ignóbil! Persuadias-te que eu iria talvez combater sobre assuntos tão elevadamente transcendententes contigo, idiota testaçudo! Pensavas que eu perderia o tempo a aturar as tuas garbulhas e necedades, não sabendo, com certeza, que eu, não com argumentos, mas com o chicote, é que costume responder aos safardanas caturras e aos estafermos labruscos! E pretendias embarrancar-me, encantar-me com os teus espículos aerólitos e sialológicos! Miserável salafrário! Querendo insultar-me, ridicularizar-me, espojaste-te em bobices de jogral atoleimado, encavalaste-te em sandices pífiyas de garoto de jornais, ornejaste atrocemente frases taimadas e façanhudas de madonas sifilíticas, chafurdaste na imundície bostelenta da asnidade, aleijaste a gramática, acouceaste a civilidade, chacinaste a história, escoicinhaste a ortografia, escarrapachaste-te, embarrancaste e enxovalhaste a ortelésia. Que sordidez! Que parvolismo! Como mal pensaste, badameco inhenho, sórdido, asqueroso!...

Ao ler o teu comunicado vi logo que tu, pífiyo Ateneu, pertencias ao número dessa coorte de bestas zorreiros e imperitos, dessa súcia de canalhas e maltrapilhos que para mal da nossa desgraçada pátria vegetam para aí todos vadios, todos mentecaptos, todos biltres. Começaste o teu comunicado com frases de Chinclim e persuadias-te, talvez, que eu era, como tu, naturalmente, frequentador da praça de D. Pedro desses que para aí se bamboleiam com esgares de fadista e lenço branco ao pescoço, andando a exercer o officio nos urinóis municipais! Persuadias-te que eu rastejo às noites pelos becos imundos, fazendo sentir às zabaneiras *sensações novas*. E então desafiavas-me para uma questão sobre os jesuítas, querias-me para colega, oh! Heliógabalo em miniatura! Desejavas uma polémica não te lembrando que eu não pertenço à categoria dos sarrafaçais de que fazes parte, e que nem a todos falta honra, decoro e dignidade!

Disseste-me que, por seguires uma certa doutrina — advogar os jesuítas — *ir-me-ias à perna*. Como bem demonstras o teu officio! Talvez pensando em alguém que te sacudisse, houvesse pouco, a extremidade inferior do recto, largaste, vomitaste, esvurmaste aquela



frase torpe e grosseira com que pretendias insultar-me. Declaraste que tinhas lido *dois deditos* (retouca-te, gramática) de história e terminavas o período com a insípida frase: — *dessa história* que o amigo com toda a certeza não gosta.

Que zeimão és, desgraçado! Que madraceador! Eu, que sou adversário dos reaccionários, dos jesuítas, dos que tramaram a Saint-Barthélemy, dos que tentaram assassinar Isabel de Inglaterra e por consequência dos Parri Cullen, dos Squire, dos que promoveram as revoltas do Paraguay, do Japão, da Morávia e da Boémia, dos Garnet e Gérard, os tais da conspiração da pólvora em Londres, dos da conspiração dos chapéus em Espanha, dos assassinos do cardeal de Tornon, dos que tentaram assassinar Leopoldo 1.º de Áustria, dos Baltazar Gérard, dos João Bavière, dos João Châtel, dos Ravailac e dos Damiens, dos envenenadores de Inocência XIII, Leão XI, Clemente XIII e Clemente XIV, e, finalmente, dos que conspiraram para assassinar José 1.º de Portugal, não gosto dessa história, da dos jesuítas, porque os combato!

Forte besta! Enorme palerma! Soberbíssimo papalvo! Tanto queres mostrar que estudaste história, tanto queres provar os meus poucos conhecimentos sobre a mesma ciência, e afinal alapas-te, agarras-te, estribas-te na asneira bestial, parvoinha e caduca de dizeres que, por eu ser adversário dos jesuítas, não gosto da história deles!

Pobre lagalhê! Desgraçado maninelo! Infeliz jangaz! Abaixo mais, com os mesmos esgares de faia, trejeitos de taverneiro e momices de cinocéfalo, sapaju ou uistiti, pretendes, reaccionário canalha, ridicularizar os anti-jesuítas, lembrando o costume de chamar-se aos que defendes e ao jesuitismo dois tremendos dragões. Pateta! Como se não fossem uma e mesma cousa — jesuítas, jesuitismo; — continuando a ridicularizar (pretensões apenas) empregas o vocábulo — *bicharoco* — (escabuja-te, gramática) para melhor provares a tua estupidez de néscio orelhudo e caduco.

E com frases impertinentes, intoleráveis, continuas, lorpa paroleiro, a dizer que nós julgamos jesuíta todo aquele que professa com mais ardor a religião católica, o padre secular, o bispo, o papa, a irmã da caridade (!) e tudo que *cheire* (espezinha-te, gramática) a catolicismo. Miserável lamecha! Eminente tolaz! Magno parvajola que tão bruntinho és!... Declaras que tens idade suficiente (ainda não te examinei a dentadura) e um pouco de juízo (os idiotas sempre se persuadiram disso) para não te deixares *levar na rede* (espoja-te, gramática) e final-



mente que estudaste duas *coisitas* (estrebucha, gramática). Por último pedes-me que venha a campo para eu ver quem recuará. Não, mísero pacóvio, não serei eu que perderei o tempo a descrapear-te, não serei eu que me darei ao trabalho de te desatascar, pois não é com os canalhas chibantescos e jagodes tençoeiros, que me saltam cobardemente como qualquer ladrão de estrada, que eu costumo tratar questões. A esses, aos garotos das ruas, aos sacripantas insensatos, costumo responder-lhes aplicando-lhes a biqueira da bota numa região cujo nome técnico, por decência, não cito.

Terminando tenho a dizer-te que o meu modo de proceder para com os outros inspira-se no que esses têm para comigo; e eis a razão por que te mimoseio com esta resposta, desprezando por momentos as regras que a retórica ensina aos polemistas.

Quanto ao teu colega Osnoffa de Castro, esse senhor terá, a seu tempo, uma resposta condigna à que ele fez ao meu escrito; terás então ocasião de apreciar a resposta às *ensinadelas* (expressão mal cheirosa que vomitaste no teu comunicado) que ele me deu.

E se tu, assolapado, por enquanto, com a capa do canalha mais refinado, te apresentares com maneiras dignas e desprezares esses termos da ralé, então, querendo, falaremos um pouco sobre a tão importante, mas já estafada questão dos jesuítas, com a condição, porém, de provares antecipadamente que tens os elementos precisos para entrares nessa polémica. Até aí, nada. Enquanto não tirares o lenço do pescoço e não triturares as chagas que provavelmente povoam as carnes dos teus ossos ilíacos com o nitrato ácido de mercúrio, não acharás mais resposta do que te mandar de presente ao diabo. (\*)

Porto, 28/4/84

---

(\*) A este texto de *Augusto César* [Rocha Peixoto] respondeu, com um novo artigo, o seu antagonista *Ateneu* (pseudónimo de um estudante ainda por identificar) [Vide: *Ateneu* — «Comunicado. *Ensinar os Ignorantes*», in *Jornal Estrela Povoense*, da Póvoa de Varzim, de 11 de Maio de 1884 (p. 3)]. Mas a polémica findou aqui, para todos os contendores. Apenas em 30 Agosto de 1884, no jornal poveiro *A Independência*, apareceu no fundo da p. 2 a seguinte notícia, sem título: «O nosso amigo que usa o pseudónimo Augusto César vai brevemente dar à luz um formoso livro de propaganda anti-jesuítica. God ahead!». Tal livro, todavia, nunca veio a ser publicado por *Augusto César* [Rocha Peixoto].



